

4468

175

# Kaiapós rejeitam proposta da Funai

ELES VÃO MANTER OS REFÊNS ATÉ QUE A EXPLORAÇÃO DE OURO E MADEIRA SEJA LIBERADA PELA JUSTIÇA

Os kaiapós não aceitaram a proposta do presidente da Funai, Márcio Santilli, de levar os quatro refêns da aldeia Pukanu, para Brasília. João Melo, administrador do órgão em Redenção, Iris João, delegado da Polícia Federal em Brasília, Itamar Dias, responsável pela operação de madeira da Funai, e Júnior Reinaldo de Moraes, técnico indigenista (e não Marcos Vinicius como foi noticiado inicialmente), continuam sendo mantidos como refêns dos índios por tempo indeterminado. A decisão foi anunciada por volta das 16 horas de ontem, após mais uma reunião entre as lideranças para discutir a proposta de Brasília.

A assessoria da Funai, em Brasília, informou que os kaiapós, aceitaram ir a Brasília, desde que os refêns continuassem presos na aldeia. A Funai não aceitou a sugestão e também não quer comentar a outra tentativa feita pelos kaiapós: eles querem que o juiz federal Sebastião Fagundes de Deus, da 3ª Vara de Brasília, revogue "imediatamente" a liminar que proíbe a extração de madeira e ouro nas terras indígenas.

"Isso é um absurdo", irritou-se Mário Ferreira Filho, administrador em exercício da Funai-Belem.

Segundo ele, para revogar a liminar é preciso, antes, alterar o Estatuto do Índio, que proíbe a exploração predatória. Mário começa a temer pela integridade física dos refêns. O cacique Pagra Kaiapó, coordenador da operação, é um guerreiro audacioso. Abandonou a aldeia Kuben Krain Krein para ocupar a fazenda Fortaleza, onde mora com outros guerreiros. A Funai acabou comprando essas terras.

O refém João Melo, administrador da Funai em Redenção, foi operado há apenas 30 dias da vesícula, e sua esposa, que mora em Manaus, está no nono mês de gestação. "Confiamos no bom-senso dos índios". Este foi o recado divulgado ontem à noite pela assessoria do presidente da Funai, em Brasília. Ontem à noite, por volta das 20 horas, Jorge Pozzobon, vice-presidente da Funai ficou de retomar a negociação com os índios.

**LIBERAÇÃO, JÁ** - Na aldeia Pukanu se encontram 23 lideranças, 10 caciques representando sete aldeias (Gorotire, Kubenkã-Krê, Kokraimôro, Kubencôkre, Kikretun, Pukanu, Moicarakô), e cerca de cem guerreiros, todos pintados e portando bordunas, arcos e flexas. Às sucessivas reuniões que vêm sendo realizadas desde a tarde de anteontem

têm sido nervosas: as lideranças não param de fazer acusações contra a Funai, particularmente contra o tratamento dispensado ultimamente pelo administrador João Melo (convidado pelos caciques a deixar Redenção tão logo seja liberado), e criticam o juiz Sebastião Fagundes, da 3ª Vara Federal de Brasília, que assinou a liminar proibindo a extração de ouro e madeira nas reservas indígenas. Os quatro refêns estão sendo mantidos em um barracão, de onde saem escoltados para as reuniões (da última vez em que foi discutida a proposta de Santilli eles não puderam participar). Estão sendo bem tratados e alimentados.

Em entrevista a O LIBERAL, David-Kaiapó foi categórico: "Santilli quer levar os refêns para Brasília onde tem poder de força", para reforçar que o índio não vai mais cair nas mentiras do governo. Ele disse que se a liminar federal levar 10 anos para ser revogada, esse é o tempo que os refêns vão ficar retidos na aldeia Pukanu. O administrador da Funai, João Melo, relatou, em sua primeira declaração à imprensa, as reivindicações dos índios, afirmando não concordar com essa postura. Ele se disse contra a revogação da liminar. O delegado

da Polícia Federal também disse que o importante é manter a calma até que as coisas se resolvam. Reinaldo de Moraes, indigenista veterano, afirmou que tem levado a maior parte de sua vida nas aldeias e não estranha a situação.

A pista de pouso da aldeia Pukanu amanheceu interditada com troncos de madeira e tambores de óleo, segundo os caciques, para impedir qualquer tentativa de resgate dos refêns, em alguma ação externa. Somente após a reunião de ontem à tarde é que a pista foi liberada para que os três aviões que se encontravam na aldeia pudessem retornar a Redenção somente com as equipes de reportagem que receberam permissão para entrar na reserva. A partir de então ficou proibida a entrada de qualquer pessoa. Os refêns só vão ser liberados, garante o cacique Pangrá, quando eles tiverem em mãos o documento que garanta a liberação para os brancos dos garimpos e da exploração de madeira dentro das reservas. Eles querem também a liberação da madeira que continua retida na esplanada, em São Félix do Xingu. A madeira está se estragando e perdendo valor comercial, finalizou Pangrá. O carnaval dos quatro refêns está sacrificado.